

RESTRITOS E COLETIVOS – UMA REALIDADE ESPACIAL NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ NZO JIMONA RIA NZAMBI

Aisha - Angéle Leandro Diéne¹

Iyaromi Feitosa Ahualli²

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v2i1.9703>

Caminhos de Nzambi

Calundus coloniais existiram desde sempre no Brasil, tendo sido mormente rurais até o século XIX. Os terreiros de Candomblé, já urbanos, nasceram em Salvador, que era um centro urbano. Apesar de o Brasil, até o século XIX, ter sido sobretudo rural, possuía alguns “minúsculos” centros urbanos. Efetivamente o Brasil torna-se mais urbano que rural na década de 70 do século XX. Existir em espaços rurais era ter acesso a natureza, logo, ter acesso à essência do culto à ancestralidade.

No início do século XX, os terreiros de Candomblé eram significados enquanto territorialidades negras das cidades baianas.

Reafirmando identidades culturais diferentes, aglutinando populações excluídas, e assumindo o papel do poder público na educação, saúde, alimentação e até mesmo moradia, à essas populações (OLIVEIRA, 2011).

A construção de um terreiro de Candomblé passa por resgates históricos, não somente da trajetória específica de cada terreiro, mas também, pela trajetória da ancestralidade que o compõem como tal. Neste texto buscamos resgatar a discussão fenomenológica das relações dos espaços restritos e coletivos e o efeito de pertencimento motivado por essa dualidade dentro do terreiro, tendo como objeto de estudo o Terreiro de Candomblé da nação Angola *Tumba Nzo Jimona ria Nzambi*.

¹ Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo, UniCEUB. Integrante do Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras. aisha.diene@gmail.com

² Estudante de graduação Antropologia, UnB; e Direito, UniCEUB. Integrante do Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras. ifahualli@gmail.com

Esse terreiro – da raiz *Tumba Junsara*³, de Salvador/BA – foi fundado em 2007 pelo sacerdote *Tata Ngunz'tala* juntamente com seu mais velho⁴, *Tata Atirezim*. Localizado na cidade de Águas Lindas de Goiás – entorno do Distrito Federal, a aproximadamente 60 quilômetros do centro de Brasília, o terreiro se encontra no setor de chácaras conhecido como *Quinta das águas lindas*, às margens do córrego *águas bonitas*, o qual deu origem ao nome do Bairro.

Para escrever este texto, visitamos o terreiro *Nzo Jimona ria Nzambi* com o intuito de, através de uma observação participante, poder entender a lógica espacial interna de circulação dos acessos das pessoas e como a concepção do “íntimo”, tanto em seu contexto social, como em sentido de “seu”, de “pertencer” a este local, caracterizava a concepção dos espaços no terreiro.

Ao adentrar o setor, vimos notamos uma diversidade de atividades culturais e de entretenimento. No caminho de entrada do setor *Quinta das águas bonitas*, vislumbra-se no trajeto da rua uma padaria, dois ou três bares, pequenas lojas na varanda de algumas casas, crianças parando o jogo de futebol na rua para o carro passar. Isso compõe o ambiente, que é rural. O caminho que nos direciona até o espaço religioso é seguido por uma estrada de terra.

A maioria dos terreiros de Candomblé na região do Distrito Federal faz parte da composição do entorno. Para esses terreiros do entorno, o estar “fora” da cidade não é apenas encarado como uma forma de manter contato com a natureza, mas também é uma forma de resistência e estratégia de preservação dos mesmos. É preciso ressaltar que, historicamente, os terreiros de Candomblé migraram para as periferias dos centros urbanos como forma de preservação ao culto. Porém, com o desenvolvimento urbano e o conseqüente crescimento, esses espaços foram alcançados pela expansão, passando a incorporar essa nova configuração urbana:

Na luta pelo que pode ou não existir na cidade (no mundo real ou imaginário que ela representa), a presença física e institucional do terreiro foi motivo de grande perseguição e de resultados positivos de suas estratégias de permanência cultural (...) (p.165, Silva; 1995).

³ Terreiro de Candomblé, da cidade de Salvador/BA, com ano de fundação em 1919 que deu origem ao *Tumba Nzo Jimona ria Nzambi*.

⁴ Existe uma hierarquia na lógica social a qual o Candomblé é inserido. Dentro disto, a definição de “mais velho” diz respeito à uma pessoa que já possui uma determinada “idade” de santo. Ou seja, desde de seu nascimento dentro da lógica dos terreiros, o famoso “santo feito”, a iniciação, até hoje, a pessoa alcançou uma idade de santo que lhe caracteriza enquanto mais velho naquela comunidade.

Nossos primeiros olhares do terreiro *Tumba Nzo Jimona* foram após uma chuva. Um grupo de crianças parava a brincadeira na porta de casa para olhar o *Jimona ria Nzambi*. Transitávamos por um caminho preenchido por pequenas chácaras, plantações de milho, de abacaxi, o som do carro ecoando dentro da garagem de uma das casas embalando o sábado. Alguns moradores ajudavam um carro atolado em meio à lama que passava. Um vaqueiro guiava alguns poucos gados para a beira da estrada. Tábuas cobriam alguns dos vários buracos na estrada e um vale verde ao horizonte complementava e conduzia a paisagem. Não mais tão distante aos olhos, da esquina de um bambuzal se avistava no alto, hasteada por uma haste de bambu, uma bandeira branca indicando que ali existia um terreiro de Candomblé de nação Angola.

Logo mais à frente visualizamos uma placa com o dizer: “Terreiro de Candomblé *Tumba Nzo Jimona ria Nzambi*”. As portas do terreiro eram a divisória de um contexto social muito específico, cujas plantas, a terra e suas estruturas eram marcas de uma identidade constituída a partir de um jogo ímpar entre o restrito e o coletivo.

Ao entrar, logo à direita algumas plantas camuflavam os segredos do inquice que é considerado o guardião da porteira. Adiante avistamos uma primeira construção, era uma pequena casa em vermelho e branco que se estendia através de uma varanda até os pés de uma grande árvore. Alí também morava o inquice Mpambu Njila. Considerado dentro da tradição dos Candomblés de Angola o *senhor guardião dos caminhos* e de todo movimento da vida.

O trânsito de pessoas dentro desta pequena casa era indicado pela lógica hierárquica do terreiro. Nem todos os adeptos tinham permissão para transitar pelo local, tão pouco participar dos cultos que aconteciam nessa. Alí a passagem era restrita!

Caminhamos poucos passos após a casa de Mpambu Njila e nos vimos imersos à completa natureza. Algumas árvores embelezavam uma grande praça que ficava no centro do terreiro, por onde todas as pessoas passavam para chegar e para sair.

Esse local, o grande centro do terreiro, era o espaço ritualístico coletivo onde todos tinham acesso, considerando que todo o espaço do terreiro é ritualístico⁵. Este, especificamente, diz respeito ao centro de entrada do terreiro. Todas as pessoas, todos os caminhos até os locais de rito mais restritos, tinham o início nas partes desse centro.

⁵ O espaço do terreiro recebe, em sua fundação um rito, onde o *ngunzo/axé* é plantado, tornando toda aquela terra a base onde será cultuado o sagrado e por isso, o terreiro em si (geograficamente) torna-se, como um todo, espaço ritualístico.

Havia um balanço na praça central, embaixo de uma das primeiras árvores plantadas, onde as pessoas ficavam a socializar.

O balanço não era apenas usado para um momento em que as pessoas faziam a manutenção de suas relações, mas também era onde as crianças brincavam e por onde todas/os, em algum momento, passavam. Um espaço público no coração do terreiro, que recepcionava todos/as.

Ao seu redor se avistava o barracão – local que era composto inteiramente pela complementaridade espacial: restrito-coletivo.

O barracão era uma espécie de salão onde a maioria dos ritos abertos aconteciam e por onde a maioria dos ritos fechados passavam. Era a própria composição da comunidade, a junção do lado público e privado. Todos transitavam por esse espaço, mas nem todos transitavam por todas as partes internas que o compunham. No centro do barracão estava localizado uma espécie de umbigo do terreiro, aquele que liga todas as casas, todas as pessoas, todos os inquices.

O barracão também era um espaço político, que abrigava não somente a comunidade do terreiro, como também a comunidade de forma geral. Ele era um espaço ritualístico aberto à quem pertencesse à lógica do Candomblé e à quem não transitava pelo mesmo. Sendo também espaço de reunião e símbolo de resistência.⁶

Logo ao lado, uma grande casa com quartos, banheiros e uma pequena cozinha. Em sequência, um outro espaço com uma grande mesa no centro acomodava o lugar para as refeições, tendo como plano de fundo um grande fogão à lenha em que se fazia a comida que seria servida à comunidade e, também, quando necessário, o preparo das comidas ritualísticas. Logo atrás, uma outra cozinha destinada apenas para o preparo das comidas “de santo”, ou seja, comidas especificamente direcionadas para o sagrado. Parte desse alimento também era direcionado para a comunidade. As cozinhas são parte primordial na composição da arquitetura dos terreiros, considerando que a alimentação dentro dos terreiros flui em composição com a lógica de *alimento ritualístico*, ou seja,

⁶ Não que seja necessariamente uma regra, mas quando observamos os ataques aos terreiros de Candomblé, o barracão, por ser o *cordão umbilical* de todas as engrenagens necessárias para o funcionamento do Candomblé, é o espaço “alvo”, o símbolo do núcleo e o primeiro a ser atacado como forma de expressar a intolerância à essa religiosidade. Isso talvez, por uma associação da estrutura do barracão enquanto núcleo comparado à estrutura de uma igreja; ambos os lugares reúnem pessoas para fins ritualísticos abertos a quem quiser participar,
https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/09/12/interna_cidadesdf,498369/doi-terreiros-de-religoes-afros-sao-incendiados-no-entorno-no-df.shtml
https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/02/14/interna_cidadesdf,573400/em-1-ano-delegacia-registra-163-ocorrencias-sobre-discriminacao.shtml

todo o rito envolve o alimento, sendo ele parte essencial para a constituição do sagrado e para manutenção da alimentação comunitária.

Passado alguns passos, seguindo na mesma sequência das construções que cercavam em primeiro plano essa grande praça, encontrava-se, do outro lado do portão, logo mais ao fundo uma casa em que abrigava o caseiro e sua família, juntamente com um grande galinheiro em seu quintal. Logo mais à frente, uma outra casa com quartos e banheiros acomodavam os demais frequentadores.

A concepção construtiva e espacial de um terreiro busca ser um espaço que acomode não só os deuses, mas também aqueles que buscam um lar, trazendo para dentro dessa espacialidade litúrgica o conceito de abrigo e de acolhimento, enquanto uma ideia, um valor pessoal.

Após as boas vindas dessa grande sala que nos recebeu, continuamos caminhando. Seguimos entrando um pouco mais nessa paisagem e percebemos outras partes que esse espaço litúrgico acomodava. Andando por entre o verde que conecta o barracão, saímos desse grande perímetro que circundava a grande sala e chegamos até as chamadas “casas de santo”⁷. No cenário desse espaço, as casas de santo se encontram mais reservadas, fazendo parte de um plano que já não é espontaneamente acessado. Sendo acessado na maioria das vezes por aqueles que vão até o seu interior.

Arquitetura hierarquizada

Ainda que, esse espaço faça parte do terreiro há toda uma lógica presente na arquitetura dos espaços que não diz respeito somente a construções levantadas pelas demandas da lógica da casa⁸, como a construção de cozinhas, banheiros, dormitórios, praças de convivência etc. A estrutura espacial também perpassaria pela hierarquização dos espaços, sendo a estrutura um marco materialmente expresso da hierarquia do Candomblé.

A breve reflexão que propusemos, parte de uma reflexão fenomenológica das relações dos espaços restrito e coletivos, e o efeito de pertencimento motivado por essa dualidade dentro do terreiro. No terreiro *Tumba Nzo Jimona ria Nzambi*, através de uma

⁷ Edificações que acomodam objetos materiais sagrados.

⁸ Casa enquanto um local que pertence a uma “família de santo”, uma comunidade construída a partir de algumas concepções de família, como o uso de termos “pai, mãe, irmãs, irmãos e filhxs”. Com relações que envolvem uma estrutura de parentesco peculiar a este contexto.

experiência participante, foi observado um vínculo de pertencimento sensorial que passa pela limitação física do espaço, uma vez que o sentimento de pertencer ao lugar ultrapassa as barreiras físicas espaciais.

O íntimo nos pareceu um qualificador dos sentimentos de “ser” e “pertencer” à sua particular imensidão e sinestesia interna. Onde cada ser humano que por ali passa, pode, não apenas, manifestar, como também ter permissão para transitar por espaços físicos mais restritos do terreiro (desde que esteja integrado à lógica de funcionamento do terreiro). Subjacente à formação do íntimo correlacionado à transitoriedade dos espaços, temos a receptividade e o acolhimento que o espaço de terreiro oferece no contexto de comunidade. O restrito se define pelas barreiras físicas e ritualísticas dos espaços, além das hierárquicas. O coletivo integra a composição dos terreiros de Candomblé, que se reveste, também, por comportamentos de solidariedade que alimentam a noção de comunidade. Tais elementos criam uma composição espacial, onde ritual e construção afetiva caracterizam o espaço.

A estrutura espacial desses terreiros era composta por edificações como: barracão, *roncó*, casas de santo, cozinha, quartos e espaços à céu aberto onde se encontravam pequenas praças, que eram utilizadas para circulação e lazer. Todos esses locais faziam parte do espaço litúrgico que configurava a comunidade. É importante observar que a circulação entre os espaços dos terreiros seguia uma lógica própria, entre os diversos elementos litúrgicos, como a hierarquia e o pertencimento. A noção de íntimo tornou-se aspecto condutor da análise de circulação de pessoas pelos espaços do terreiro.

Todo este cenário das relações com a disposição espacial descritos pretende trazer uma reflexão do contexto sob essa perspectiva, para uma breve reflexão a respeito da complexidade que existe na relação entre pessoas e espaços no ambiente de terreiro.

Bibliografia

BARDOU, Patrick e ARZOUMANIAN, Varoujan. *Arquiteturas de Adobe*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1979.

BASTIDE, Roger. *O Candomblé na Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NASCIMENTO, Iris Salles. *O espaço do terreiro e o espaço da cidade: cultura negra e estruturação do espaço urbano*. 1989. 132 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 1989.

NESBITT, Kate. *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006. Pág. 267 - 270.

PARÉS, Nicolau Luis. *A formação do Candomblé, história e ritual da nação jeje na Bahia*. 2º ed.rev. – Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás na metrópoles*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Recebido em: 15/05/2018

Aceito em: 15/05/2018